

Banco Central quer reconquistar credor

11 JAN 1987

Dinda Get

Walter Melo

Todos os esforços que o Banco Central fizer, de agora em diante, caminham no sentido de se conseguir um reescalonamento plurianual da dívida externa brasileira vencida e a vencer de 1986 a 1991, que é o período em que está concentrado o maior volume de amortizações. Todo o empenho também será empregado no sentido de os bancos estrangeiros voltarem a emprestar dinheiro novo, que deixaram de fornecer desde 1983.

Não está descartada a hipótese do governo pedir um financiamento compensatório ao FMI, de forma a ressarcir a perda de receita com as exportações brasileiras. Entre janeiro e novembro do ano passado, a quebra de faturamento atingiu US\$ 900 milhões com a soja, US\$ 100 milhões com o café e mais de US\$ 1 bilhão com os derivados de petróleo. A perda resultou principalmente da baixa cotação dos preços internacionais desses produtos.

Há argumentos fortes para que o Brasil recorra a um crédito compensatório do FMI: esse dinheiro, se conseguido, não obriga o governo Sarney a assinar uma carta de intenções ao Fundo. Em 1982, quando o então ministro *czar* da economia, Delfim Netto, nem havia ainda assinado um acordo «stand-by» com o Fundo, foi obtido um financiamento compensatório de US\$ 544 milhões. Por outro lado, o país perdeu, no ano passado, cerca de US\$ 3 bilhões das suas «reservas internacionais» de divisas, em consequência de redução

nas exportações e aumento das importações, principalmente de alimentos.

Em busca de «dinheiro novo», o presidente do Banco Central, Fernão Botelho Bracher, viaja hoje à noite para Washington para audiências com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière; com o presidente do Federal Reserve, Paulo Volcker; com o presidente do Banco Mundial, Barber Conable; com o secretário do Tesouro americano, James Baker, e com o presidente do Eximbank, John Bohn Jr. Na quarta-feira, pela manhã, Bracher já estará em Nova Iorque, para encontros com o líder do Comitê de Assessoramento da dívida brasileira, William Rhodes, e com altos executivos de bancos credores. Para estes últimos, segundo Bracher, serão feitos entendimentos no sentido deles voltarem a fazer empréstimos voluntários ao país, que pretende, ainda no governo Sarney, iniciar um plano de investimentos (estatais e privados) de US\$ 14 bilhões.

Bracher retorna a Brasília na próxima sexta-feira, enquanto que seu diretor para assuntos de dívida externa, Antônio de Pádua Seixas, que o acompanhará nos contatos em Washington e Nova Iorque, toma vôo para a França, para participar da reunião do Clube de Paris, a se iniciar no próximo dia 19 (segunda-feira). O Brasil procurará renegociar uma dívida já vencida de US\$ 2,3 bilhões e ao mesmo tempo reativar os financiamentos de importações, com recursos dos governos dos EUA, Canadá, Europa e Japão.